

REDE E NO(S)

JUNHO 85



Fundaçã... o Futuro

Centro de Documentação e Pesquisa Cultural do Futuro

Depois de um intermezzo de silêncio nas nossas palavras escritas, vai aqui mais uma Folha "Rede e Nô(s)".

Este número foi elaborado por um grupo de mulheres da Rede no Porto.

Tema - mais ou menos - central é "o Poder".

Esta Folha tem duas partes: a primeira com reflexões nossas, a segunda com palavras da candidata à Presidência da República, Maria de Lourdes Pintasilgo.

Quem quiser reagir por escrito... que faça... para a próxima Folha, depois do verão!



ONDE ESTÃO AS MULHERES?



De uma forma que é certamente simplificada, mas que uso por razões práticas de exposição, penso que se pode dizer que os que exercem o poder, os que mandam, são uma minoria ínfima se comparada ao número dos que são objecto desse poder.

Mesmo assim, é uma evidência que as mulheres nas nossas sociedades são as que estão mais afastadas dos centros de decisão.

Observando (ajuda que de uma forma não muito aprofundada) o que se tem passado no nosso país nestes últimos anos, constata-se que nos dois momentos, da guerra colonial e da emigração, as mulheres, pela força das circunstâncias, viram-se a braços com a necessidade de desempenhar muitos dos papéis até aí reservados aos homens. E, como se verificou, não houve por isso nenhum descalabro!... - todos os aspectos essenciais da vida foram assegurados.

Com o 25 de Abril, as mulheres estiveram em toda a parte e não recuaram perante os muitos problemas que se levantam em todos os sectores por que a sociedade se desdobra, não sendo poucas as ocasiões em que o seu papel foi decisivo, não se eximindo às decisões que era preciso tomar, nem às responsabilidades com que era preciso arcar, em paridade com os homens.

Todavia, somos obrigadas hoje a constatar a fragilidade estrutural desta real movimentação e podemos perguntar - onde estão actualmente as mulheres?



Na sua quase totalidade hoje estão afastadas dos centros de decisão, remetidas ao "poder de mandar" apenas nos seus pequenos mundos invisíveis - filhos, casa, escola. Se virmos bem, esta situação não passa de um regresso ao círculo que para nós se eterniza - o mundo para que sempre fomos modeladas e remetidas, que tão poucas oportunidades e tão poucas energias nos deixa para a nossa aprendizagem da realidade mais vasta, que é exactamente a que comanda os nossos destinos.

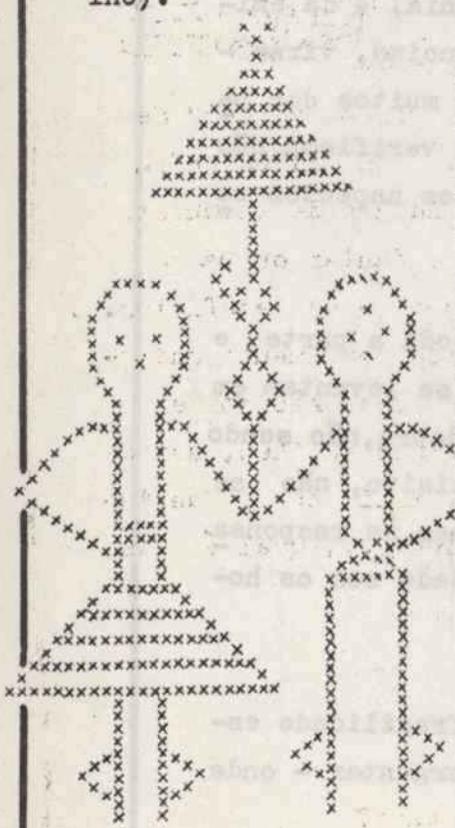
Perante este quadro esboçado sucintamente, ocorre perguntar: qual a razão de tal afastamento por parte das mulheres - por incapacidade? Por recusa?

É certo que algumas de nós respondem a esta pergunta dizendo que o tipo de poder em discussão não nos interessa, identificando-o muito especialmente com o grande teatro do Poder que a política oferece, ou ainda com o outro teatro, mais comezinho, mas que bem conhecemos idêntico àquele loutro, onde jogos rasteiros e concorrência desenfreada, são o pão-nosso de cada dia (refiro-me ao mundo do trabalho).

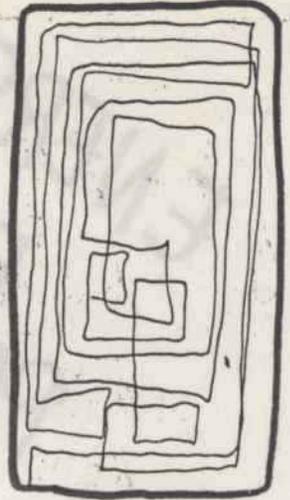


Suponho que devemos distinguir o melhor possível a seguinte questão: fala-se em Poder, mas este não é abstracto. Há pelo menos um aspecto nele que é indiscutível - as responsabilidades que é preciso preencher e a que não há que fugir. Preenchê-las cabalmente é poder, implica mando. A verdade é que a nossa insegurança nos conduz a um retraimento geral. Quantas vezes em conflito por um lugar de chefia não abdicamos a favor dos homens?

Desta maneira, penso que a resposta àquelas perguntas só pode ser esta: ambas as razões pesam, mas, por muito que nos custe, o acento tem de ser posto no medo de assumirmos o poder. Será por aqui que devemos começar se queremos contribuir para a transformação do próprio conteúdo do poder.



De facto houve e há mulheres que exerceram e exercem o poder... poderia debruçar-me sobre a vida destas pessoas "ilustres" mas isso não me satisfaz. Parecem-me excepções... talvez me engane... talvez veja só um lado da realidade... mas é deste lado que vou falar, do meu lado, do que tenho à frente dos olhos no dia a dia. Tenho a impressão de que são raras as mulheres que detêm o poder, quer na vida privada, quer na profissional. Porquê? Não terão as disponibilidades de tempo e de espírito que o exercício do poder exige? Não desejarão exercê-lo? Os outros não as deixarão?



MULHERES: ONDE? COMO? PORQUÊ? QUANDO? QUEM?

Penso em dois tipos de situação que me deixam perplexa:

Em casa, por exemplo, é a mulher que organiza a vida de todos; mais do que cozinhar, lavar a roupa, passar a ferro, ela age de tal forma que os outros (marido e filhos) não têm de se preocupar com o quotidiano, com o que vão comer, com o que vão vestir... A mulher tem portanto uma posição estratégica; o que faz é indispensável ao equilíbrio da vida familiar. Esta função permitiria exercer um certo poder.... basta cruzar os braços!

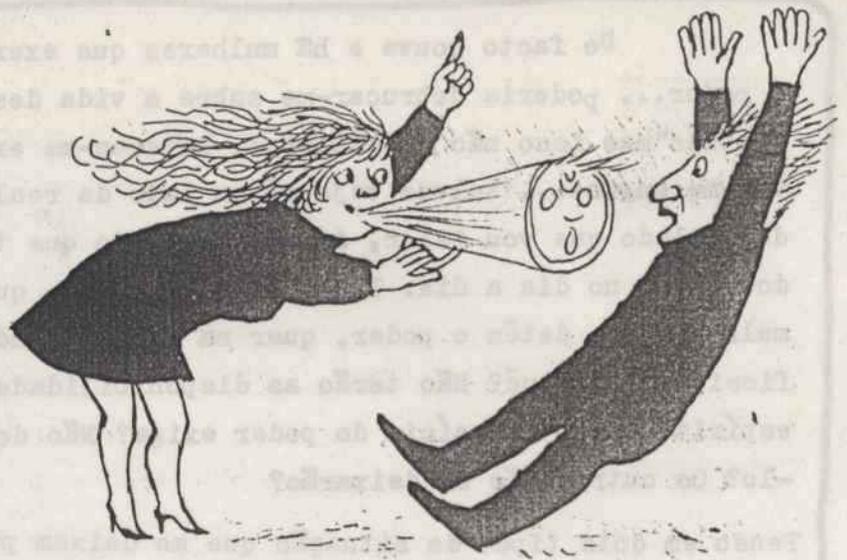


Porque é que tão raramente as mulheres o exercem? Será o risco demasiado grande? Vale a pena ver os filhos infelizes, mal alimentados, destruir as possibilidades de entendimento com o marido... por se recusar a fazer o jantar ou passar uma camisa? Cada uma começa a pesar os riscos e os benefícios... e decide. A escolha é sempre difícil e nunca totalmente satisfatória porque precisamos de ter tempo livre, de não nos sentirmos exploradas, mas também tornar os outros felizes, ser amadas e apoiadas, ou ainda fazer viver a família com o que temos para comunicar, ser aceites tal como somos... qual é o aspecto mais importante hoje?... agora?

O segundo exemplo diz respeito a mulheres com elevada qualificação profissional que se recusam a ocupar cargos de alta responsabilidade. Será porque têm medo de perder as simpatias de certos grupos, de serem rejeitadas ou menos apreciadas? Ou será porque não se sentem capazes?

O PODER DAS MULHERES:
ONDE? COMO?
PORQUÊ? QUANDO? QUEM?

ENERGIA É PODER



Para discutir este tema lembrei-me de citar algumas frases do livro "A Mulher Eunuco", de Germaine Greer, editado pela Bertrand, que considero particularmente estimulantes.

"Poder da mulher significa a afirmação própria das mulheres, o que quer dizer que tudo o que faz parte da sociedade patriarcal tem de desaparecer por completo. As mulheres têm de ter o objectivo e a oportunidade de inventarem uma moral que não as exclua e uma psicologia que não as condene à condição de espiritualmente mutiladas. O castigo para tal delinquência pode ser terrível, pois devem explorar o desconhecido sem qualquer orientação (...) Ela própria pode não chegar a ver a etapa final, pois a estrutura de uma sociedade não se modifica durante uma vida, mas pode afirmar ser naquilo que acredita e ter nisso uma esperança."

A capacidade da mulher para exercer o poder depende da maneira como gasta as suas energias. "Energia é a força que guia todos os seres humanos. Não se perde pelo seu exercício, pelo contrário: é sustentada por ele, pois é uma faculdade da mente. É levada a manifestações pervertidas por desvios e obstáculos. (...) Não é muito difícil a uma pessoa com percepção notar que as mulheres têm energia destrutiva; mas o que poucas pessoas notam é que a destrutividade nas mulheres é criatividade de virada contra si próprias, pela constante frustração a que são sujeitas (...) Estende-se para além delas, saciando-se na destruição da personalidade e realizações dos outros, especialmente dos seus maridos e filhos."

A autora fala da maneira como tradicionalmente as mulheres gastam a sua energia. Se pensarmos no nosso tempo de estudantes universitárias reconhecemos que muitas raparigas gastam as suas energias a passar os apontamentos a limpo, enquanto os rapazes as gastam a fazer perguntas parvas.

"A energia delas é gasta numa adaptação à disciplina noutros requisitos e não em satisfazer a curiosidade sobre o assunto que estão a estudar". "A educação não pode ser, e nunca foi, uma questão de obediência. Não é pois surpreendente que as mulheres raramente façam descobertas científicas."

É de facto a aprendizagem, desde o berço, desta disciplina errada que nos mutila que nos impede muitas vezes de aproveitar as oportunidades que nos surgem. Estou integrada numa universidade onde há oportunidades de participação que nada têm a haver com os sexos. Mas porque me porto assim nos coloquios e debates? O objectivo excessivo de não dar nas vistas, de me proteger de uma má imagem que possa dar de mim, reduzem-me ao silêncio. Não seria possível fazer a pergunta e tirar as dúvidas? E se, numa luta contra mim própria, resolvo falar, fico nervosíssima a aguardar o momento da minha intervenção, incapaz de prestar atenção ao que se segue. E depois de falar fico como que esgotada até "aquilo" acabar! "Tem de se compreender que não chega encorajar as mulheres a usar um espírito de iniciativa que não possuem, assim como é inútil injuriá-las por não o terem. Temos, antes, de nos dedicar à compreensão de como a energia das mulheres é destruída sistematicamente desde o nascimento até à puberdade, de tal maneira que quando chegam à maturidade os seus recursos e criatividade são muito reduzidos".

Margarida Ruivo



Da "morte de todos os dias" à "vida que nos pertence"

Em 1975 foi iniciado o "Projecto de Animação de Raparigas e Mulheres Rurais". Este projecto foi uma iniciativa do Movimento do Graal e funcionou em várias zonas do país, até ao verão de 1983.

Em Julho de 1983 o Projecto abriu a possibilidade de se vir a constituir no Norte, numa associação autónoma de mulheres, MAPA (Mulheres A Preparar o Amanhã).

Entre os anos 1975-1983 o Projecto na Zona Norte abrangeu 20 aldeias e um grupo de mulheres em V.N.Gaia. Durante estes oito anos participaram nesta experiência de conscientização cerca de 600 mulheres. Entre elas, 60 fizeram o exame da 4ª classe e outras aprenderam a ler e a escrever. Das 600 mulheres, cerca de 100 constituíram em Junho de 1983, a Associação MAPA (Mulheres A Preparar o Amanhã), abrindo delegações em 10 aldeias e em V.N. Gaia. A maior parte das mulheres que participou no Projecto, trabalha em casa e na agricultura, com a excepção das mulheres em Campo (Valongo) e Vilarinho - Gandra (Paredes) que trabalhavam em fábricas de têxteis. Na zona do Lobão (Vila da Feira), são várias as que são operárias nas fábricas de cortiça.

Um dos textos que utilizámos nos programas de ensino básico dizia:



"Como eu dou razão aos que lutam pela emancipação da Mulher... Queria contar-lhes como é que eu comecei a sentir na carne essa vontade de lutar, essa vontade de acabar com a morte de todos os dias, que o que tinha de mais desesperante era a aceitação, era o encaminhar-se para a morte sem o desejo de viver".

(Natércia Pacheco 1977)

Algumas mulheres que estavam a "tirar a 4ª classe" em Milheirós em 1977 escreveram:

"Será que há destino?

Destino de ser ladrão, destino de ser prostituta, destino de ser homem e mulher de bem, destino de ser rico ou pobre, destino de ser doente ou gozar de boa saúde, destino de ser pessoa que não tem vontade própria, a quem a vida não pertence.... enfim, a sorte de cada um.

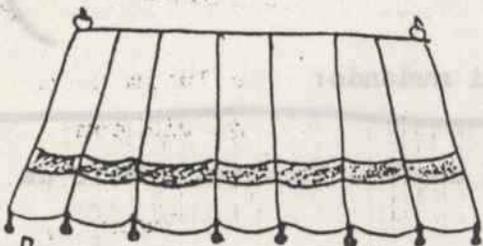
Que somos nós no Mundo? Peças de uma máquina a que temos de nos submeter, ou pessoas que aprendem a decidir e a escolher o que queremos ser?

Se a nossa vida nos pertencer é a nós que compete construí-la, sendo assim continuamente criadores de situações novas."

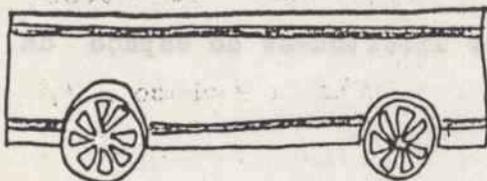


Fundação Cuidar o Futuro

Vou apontar aqui algumas das "situações novas" criadas pelas mulheres que participaram no Projecto e que fazem parte da Associação MAPA. São iniciativas que fazem parte dos "mil pequenos projectos e experiências que revitalizam o tecido social e que fazem a sociedade nova":



Lojinha dos
mercadores



- Centros de Animação Infantil actualmente em 5 aldeias. Estes Centros constituem uma alternativa aos jardins de infância, que não existem.

- Domicoop, uma cooperativa de mulheres que abriu um restaurante em V.N. Gaia e a Lojinha dos Mercadores no Porto. Na Lojinha vende-se artesanato produzido por mulheres.

ARTESANATO

- Cooperativa dos Bordados de Lima em Serreleis (Viana do Castelo) da qual a última notícia é já terem começado a exportar blusas para a Suécia.

- Projecto da Associação MAPA em St^o Isidoro (Marco de Canavezes):

No verão haverá oficinas de artesanato de tecelagem, bor dados, rendas, malhas, cor- te e costura, para rapari - gas que queiram aprender es- tas artes. Estas oficinas , vão ser orientadas por uma equipa de mulheres do MAPA e terão lugar na própria ca- sa da Associação. O tear a- cabou de ser comprado e mon- tado.



- Projecto idêntico em Vila - rinho /Gandra (Paredes) on- de a Tina - animadora do MAPA vai ensinar corte e cos- tura durante os meses de ve- rão.

E as mudanças menos visíveis, experimentadas, sofridas, conquista- das na vida dentro de casa?

A palavra é delas quando dizem o que vai mudando:

"O meu marido de vez em quando diz: "Eu sou o chefe". Eu digo: "Chefe de quê? Depois do 25 de Abril tudo mudou".

"Sou muito amiga do meu marido, dou-lhe o sangue dos braços, mas ser che- fe é que não deixo".

"O que mudou, foi muito a libertação. A mulher libertou-se do espaço da casa e saiu para fora".



"O mais importante foi mudar a vida, entrar dentro de mim própria e ser capaz de mudar alguma coisa."

"Sentir que tinha valor como mulher. Somos iguaizinhos. Quando casámos falámos as mesmas palavras, fizemos o mesmo juramento".

"Consegui ser senhora do que realmente me pertencia, consegui os meus direitos desde que não prejudicasse ninguém. Na educação também mudei bastante. A pessoa nunca pratica como deveria praticar, mas antes era pior. Eu praticamente não tinha cultura nenhuma. Tinha medo de falar com pessoas que não conhecia. Agora falo com qualquer pessoa".

Também dizem (e não dizem, mas sabem-se)

os obstáculos:

"Por vezes temos tempo, mas muitas vezes não temos condições".

"O problema de todo o mundo é ganhar pouco e gastar muito. Muita coisa havia de mudar, aumentar os salários, melhorar a vida".

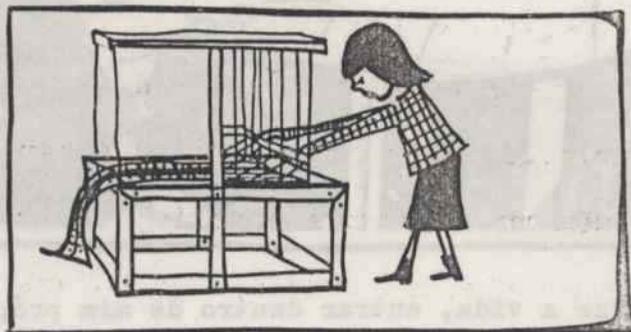
"Falámos sobre a liberdade com os homens. Temos acordo um com o outro, mas ser livre a gente não é".

"Certas liberdades que se dão às mulheres e que os nossos maridos não estão de acordo. Por exemplo, à noite o marido sai para um lado e a mulher sai para outro - isso não dá jeito. Há certas coisas que eu não estou habituada."

"São sempre os homens que mandam. Eu acho que devíamos ser iguais, mas no fim não somos. A gente não pode se opôr, a gente tem que se humilhar."

A organização colectiva no Projecto passou-se à volta de tarefas tradicionalmente femininas: a educação dos filhos, a produção de alimentos, de bordados, de malhas e de rendas.

Será que isto não conduz ao reforço do status quo? Será que isto não conduz de novo as mulheres a um universo fechado?



Uma primeira condição para um processo de conscientização consiste em respeitar as necessidades e os temas em geral das pessoas. Responder às necessidades de aprendizagem e de organização não é - em si - uma garantia para a libertação. Uma segunda condição reside, portanto, na problematização. Porque é que são as mulheres responsáveis pela alimentação? Porque é que são as mulheres quem toma conta das crianças? Etc.

Com estes pontos de partida vão-se fazendo muitas 'descobertas'. Que, lá, onde estamos, podemos encontrar o nosso poder, transformando a nossa fraqueza numa força, que sem o "trabalho invisível" das mulheres a sociedade parava. Que o trabalho "artesanal" das mulheres, tem muito valor e faz parte duma tradição cultural que se vai perdendo, que as mulheres estão - "pelo tipo de trabalho que vivem - no coração das forças potenciais capazes de transformar a ordem mundial".

A dimensão libertadora/emancipadora da organização em torno de tarefas femininas está no "mudar a vida"; no "conseguir ser senhora do que realmente me pertencia".

Marijke de Koning



... E SE SHAKESPEARE TIVESSE TIDO UMA IRMÃ TÃO DOTADA COMO ELE? ①

Se situarmos a pergunta no tempo, não será difícil encontrar a resposta. Ao longo de séculos de cultura ocidental o espaço da mulher foi, pelo menos aparentemente, o da retaguarda da história. Da sua vida, do seu fazer diário, fica-nos muitas vezes a sensação de tempo contínuo, sem mudanças, sem rupturas, uma espécie de passar anónimo aqui e ali fraturado por um ou outro nome a candidatar-se à memória dos Homens. Sabemos, porém, que a História não é assim, que as sociedades se transformam com a experiência das suas contradições e essa transformação vai penetrando até ao mais fundo de cada sujeito.

Assim, pensar o estatuto de uma parte da sociedade implica pensar o social/histórico dentro do qual cada grupo e cada indivíduo encontra as expressões que pode.

Apesar de sentir sempre a necessidade dessa metodologia de trabalho, vou correr o risco de não me questionar aqui sobre os mecanismos de poder e opressão que durante séculos desencorajaram ou impediram de facto a maioria das mulheres de tomarem nas suas mãos, tanto quanto os homens, os destinos das suas comunidades: muito tem sido já dito com o rigor aqui impossível.

Saltando perigosamente a História, aproximo-me das minhas próprias inquietações e são estas que vou tentar traduzir em perguntas na expectativa de ir conhecendo (participando) nas respostas.

1) Todas sabemos que, desde o século passado, as lutas pelos direitos sociais elementares fizeram com que a mulher se encontrasse com o seu próprio rosto e se apercebesse que, exigida e garantida(?) a igualdade, ficava para conquistar... a diferença.

- o que tem feito a mulher daquilo que conquistou - acesso ao voto, à educação, a novas carreiras, à gestão do seu próprio corpo?



2) A multiplicidade de questões específicas que se lhe levantaram, tem favorecido o associativismo e assistimos nas últimas décadas ao multiplicar de grupos que se vêm organizando na reflexão e na acção.

-como têm as mulheres traduzido em força o poder potencial que a vivência colectiva possibilita?

Do ouvir, ler e conversar parece-me que há, antes de mais, de fazer com que o nosso discurso acompanhe o tempo e tomemos consciência de que se têm operado transformações assinaláveis. O tradicional "mundo dos homens" agressivo e grotesco fabricou a sua própria crise, está debilitado o edifício em que esses valores tradicionalmente assentaram. Algumas mulheres - uma minoria ainda - têm sabido denunciar essa crise e proposto outros modos de agir. Parece-me fundamental que, mais uma vez, se ultrapasse o mero papel de denúncia: todas sabemos o que não queremos, o que não temos, o que ainda nos recusam. Também sabemos que o transformar o dia a dia passa pelas possibilidades que a sociedade nos oferece de ser mais livre e que essa liberdade está, neste momento da sociedade portuguesa, fortemente comprometido pela corrupção, pelo desemprego, pela miséria, pelo desprezo pela nossa dignidade de cidadãos.

É a segunda vez que a questão da tomada do poder (dos poderes) se me põe de um modo quase angustiante: da primeira vez, Abril de 74 deu-me a possibilidade, a utopia, a materialização de uma liberdade primeira, a fecundação do futuro desejado.

É ainda em nome desse futuro desejado que sinto que nós, as mulheres, temos hoje que estar atentas ao poder político e tentar não desaproveitar as possibilidades que temos de fazer com que as instituições não se corrompam, que saibam responder aos desafios da nossa consciência e da nossa criatividade.

"Teremos que escavar o nosso mundo com os cuidados de quem procura uma cidade lendária." (2)

Conceição Rocha

NÓS MULHERES
APOSTAMOS CONTIGO
NA TRANSFORMAÇÃO
DO MUNDO



as mulheres e a "candidata"

Como muitas de nós ainda estão lembradas, a Rede das Mulheres foi lançada após M. Lourdes Pintasilgo ter sido primeira ministro. Durante esse tempo de governação foram tantas as mulheres que se manifestaram solidárias com esse governo, foram tantas as que sentiram que se tinha quebrado o "enguiço" que silenciava as nossas vozes, que fez sentido juntar as mulheres que eramos cada uma de nós e tecer uma Rede. Hoje, passados que são cinco anos, fizemos história e, embora alguns "nós" se tenham desfeito, sabemos que há um adquirido que marcou as nossas vidas. Não interessa trazer para aqui desilusões, não interessa trazer para aqui euforias passageiras, dificuldades que foram atravessando o entretecer dos nossos esforços. A vida é tudo isto e muito mais...

Hoje, passados que são cinco anos, a Rede continua, porque persistimos teimosamente no contar do que vamos fazendo, porque lemos nos gestos de cada uma as razões das nossas vidas.

Hoje, passados que são cinco anos, o poder não institucionalizado, o poder não organizado por interesses de compadrio, o poder não organizado pela "compra" das pessoas, ou seja, o nosso poder de cidadãos e cidadãs libertos dos escolhos dos favores, está a levar por diante o lançamento da candidatura à Presidência da República de M. Lourdes Pintasilgo. Eu que estou praticamente desde o início neste trabalho,

confesso-vos que tem sido um esforço apaixonante, embora difícil. Pois é, minhas amigas, os enredos são tais, o apego e desejo de poder tão fortes, os bloqueios nesta democracia tão flagrantes, que uma candidatura deste tipo, que é um processo coletivo, que não depende de nenhuma força partidária ou econômica e que pretende ser como M.L.Pintasilgo diz "um contributo para a libertação das mentalidades, para que ideias diferentes se reunam, conjuguem e convirjam", constitui uma ameaça a ideias passadistas e aos vícios já tão enraizados deste fazer política.

A democracia está de tal modo ameaçada, que se encontra por toda a parte, gente favorável a esta candidatura, mas que confrangedoramente diz ter medo de trabalhar nela, com receio de perder o emprego ou o lugar que ocupa profissionalmente. A democracia está de tal modo ameaçada, que se assiste despidoradamente à censura na rádio, jornais e televisão, de tudo que se relacione com esta candidatura.

Os que receiam uma possível vitória de M.Lourdes Pintasilgo, sabem, que com ela, à displicência de métodos se irá opôr o rigor, que à mediocridade se irá opôr a competência, que ao compadrio se irá opôr o mérito pessoal, que ao velho se irá opôr o novo, que à instalação se irá opôr a chamada de todos, que às alianças preferenciais com países estrangeiros subordinadas a interesses pessoais se irão opôr alianças preferenciais com países que beneficiem antes o nosso país, que à corrupção se irá opôr a devida utilização dos dinheiros públicos, que em última análise à concepção do poder de A sobre B se irá opôr o esforço do poder partilhado.

E agora eu pergunto: e as mulheres onde estão?

São ainda poucas as que estão a trabalhar nisto.

Onde estão as mulheres?

Fátima Grácio



MLP
por ela própria



Podar para...

Ao ser influenciada pelos esquemas dominantes ao nível do Estado, a sociedade tem diminuído a força cultural do poder. Na concepção mecanicista do poder o que conta é a simples relação de forças - é o poder de A sobre B. Mas na época em que vivemos sabemos que todos os processos físicos (e, por analogia, todos os processos sociais) supõem trocas de energia para se alcançar outro estado. O poder, numa perspectiva "termodinâmica", é o poder para conseguir um objectivo.

Se o poder se relaciona assim necessariamente com a definição de objectivos, estamos claramente no terreno da cultura



O exercício do poder-com-o-povo ou, em outros termos, a participação - é um traço dominante adquirido durante o V Governo. Mostrou-se que era possível um estilo novo que, mesmo através das estruturas centrais burocratizadas, criava no povo uma outra forma de se relacionar com o poder e de partilhar dele.



uma nova cultura política

Alastra hoje no mundo uma grande onda de reflexão e de criação. Privilegia a cultura como raiz, eixo e fruto de toda a movimentação da sociedade no processo da sua própria gestação.

Procura novas vidas experimentais que permitam encontrar a ciência económica para os processos acelerados da história do nosso tempo e conduz assim a propostas de solução que submetem a inخورável lei da economia já ultrapassada às necessidades dos indivíduos e à plena soberania dos povos.

Tende a considerar-se o fenómeno técnico e as questões da tecnologia como sendo intrinsecamente a-políticos. Julga-se assim - ou pretende-se que os outros o julguem - que as escolhas tecnológicas (ou melhor, as "compras" de tecnologia) nada significam como opção política. Ora, hoje as opções políticas passam numa larga medida pelas escolhas tecnológicas, pela maior ou menor capacidade de inventar as tecnologias apropriadas a cada país. Essas tecnologias apropriadas são o resultado da cultura específica de cada povo. Não no sentido de uma qualquer recuperação passadista mas na capacidade criadora de as gerações actuais encontrarem o 'génio' próprio do seu país e estabelecerem assim os parâmetros do desenvolvimento que garante a autonomia, nacional.

O progresso e a técnica existem para o bem e para o serviço do homem. O talento político é, antes do mais, a capacidade de utilizar os meios necessários para que essa finalidade humana esteja presente hoje e no futuro.

... a gestão das coisas públicas é, nos nossos dias, uma tarefa que requer conhecimentos exactos das coisas e dos actos, espírito científico e organizado, cultura apta a criar novas soluções.

revitalização do tecido social

Entendemos, em primeiro lugar, a congregação das pessoas à volta dos interesses e preocupações que lhes dizem respeito e a sua eficaz mobilização na procura das soluções para esses mesmos problemas.

O projecto da sociedade faz-se hoje a partir de mil pequenos projectos, e experiências do que é concreto e viável, projectos que nascem da generosidade e da competência de cada um e que se entrelaçam, se completam, mutuamente se reforçam.

São esses projectos - numa escola, numa empresa, numa cidade - que fazem a sociedade nova.

Projecto cultural onde se exprime, que a sociedade que desejamos construir assenta em ideias e em valores, nasce de convicções profundas, e exprime a felicidade do coração, de cada um.

Não há solução política no mundo de hoje, que possa prescindir da articulação entre formas de democracia directa e de democracia representativa. Qualquer solução política só vinga, ao nível das estruturas representativas, quando é acompanhada e estimulada pelo querer da população.

democracia e desenvolvimento

Não temos hoje dúvidas quanto aos perigos que rodeiam a democracia quando se esbatem as metas próprias do desenvolvimento. A democracia passa pela capacidade de solução das necessidades básicas.

Os processos de desenvolvimento adequados e viáveis não se encontram hoje em modelos feitos.

Propomo-nos contribuir para todo o processo de desenvolvimento que se queira, à partida, auto-centrado quanto aos objectivos e auto-suficiente quanto aos recursos.

O QUE BLOQUEIA O DESENVOLVIMENTO EM PORTUGAL?

... o desenvolvimento não estar presente nos programas políticos do Governo, em que apenas aparece como um dos capítulos da acção governativa. Ora, o desenvolvimento, para ser possível numa dada sociedade, tem que informar todos os aspectos da acção governativa, incluindo os aspectos que tradicionalmente consideramos político-administrativos: a regionalização, a valorização do poder local e das suas responsabilidades, a revisão da administração pública e a intervenção, de organizações não governamentais, por exemplo.

É evidente que não pode haver desenvolvimento quando o financeiro se sobrepõe ao económico. Para mim, só com esta frase estou a dizer tudo quanto há a dizer sobre esse assunto. Mas o económico tão-pouco é um sector isolado. Não me parece que possa haver desenvolvimento sem essa transformação de mentalidades, sem uma matriz cultural extremamente clara e constantemente reforçada e desenvolvida.

FALAR DE DESENVOLVIMENTO NUM TEMPO DE CRISE: UMA UTOPIA?

... Utópico é pensar-se que se pode sair desta crise sem ser numa perspectiva de desenvolvimento.

Os poderes do presidente

... A Constituição define a função presidencial como garante da independência nacional, da unidade do Estado e do funcionamento regular das instituições democráticas. Esta tripla missão compete ao presidente da República responsabilidades que, em meu entender, justificam por si só um programa de intervenção política.

Penso que a evolução da situação portuguesa tem vindo a confirmar que a função presidencial no regime político português é decisiva.

UM REGIME PRESIDENCIAL?

Julgo que para um país em desenvolvimento o esquema parlamentarista exclusivo põe de lado as finalidades do desenvolvimento e compromete-o. Por isso, parece-me que o equilíbrio existente antes da revisão de 82 (na Constituição de 76) entre uma forma parlamentar correcta, que comporta poderes presidenciais de intervenção fortes - o que se chamou, então, o semi-presidencialismo - é, sem dúvida, a forma ideal para um País em desenvolvimento como o nosso.

direita e esquerda

Neste momento da história em Portugal temos uma herança histórica de direita e de esquerda. E, dentro dessa herança, histórica penso que sou vista por muita gente como pertencente à esquerda.

No entanto, parece-me importantíssimo sublinhar que, agora, as exigências da sociedade são tais não só em Portugal - que todo o processo de pensamento e da nova cultura política se põe para além dessa dicotomia esquerda-direita, que é insuficiente para dar conta de toda a realidade existente.

adesão à CEE

Se, por um lado, considero que essa adesão, quer em termos reais quer em termos simbólicos, é importante para a vida portuguesa, não estou de modo nenhum de acordo nem com a filosofia subjacente, nem com o processo como a adesão tem estado a ser negociada. A filosofia de alguns governos - como se a adesão fosse uma batalha da qual depende o nosso futuro como nação - considero-o atentória da nossa dignidade nacional, inadmissível.

Para além dos aspectos especificamente económicos da adesão, preocupa-me a mitologia criada pela maior parte dos nossos governos, tornando a integração europeia naquilo que uns chamaram de "grande desígnio nacional" e outros de "prioridade das prioridades". Se tal correspondesse à verdade dos factos, teríamos de concluir, face aos sucessivos adiamentos, que estava em causa algo de vital para a nossa vida como Nação... Essa forma de pôr o problema é atentória da dignidade nacional. Não só rejeito uma perspectiva de subserviência na nossa adesão à CEE como julgo que o respeito pela nossa História e pelo nosso valor cultural nos deveria levar a colocarmo-nos em pé de igualdade com os outros países europeus, tentando construir uma Europa capaz de desempenhar no Mundo de hoje um papel decisivo para a salvaguarda da paz e dos grandes valores que fizeram no passado a sua grandeza.

FMI : não à subserviência

Estamos a adoptar em relação ao FMI as mesmas atitudes de subserviência que estão presentes nas negociações com a CEE. Ninguém tem dúvidas de que o FMI tem ajudado alguns países a ultrapassar dificuldades conjunturais. Mas é um facto que em muitas ocasiões a inflexibilidade das políticas económicas do Fundo põe em causa a soberania nacional. É preciso, por isso, lembrar constantemente que os estatutos do FMI impõem a subordinação da concessão dos emprégoos aos projectos de desenvolvimento económico social dos países a que ele recorrem. E não o contrário. Cabe, por isso, aos governos dos países que pedem os empréstimos fornecer ao FMI o quadro da política do desenvolvimento económico e social que prosseguem para que os empréstimos não venham coarctar, a prazo, essa política.

Os portugueses, mais cedo ou mais tarde, exigirão, como imperativo nacional, a renegociação da dívida com o FMI, por forma a que, pagando com honra, não fique comprometido por gerações o desenvolvimento económico que está ao alcance do nosso país.

nacionalizações

"Não dou respostas definitivas nesta matéria, que deve ser analisada mais numa perspectiva técnica do que ideológica. Admito que alguns sectores ou empresas não terão necessariamente, que manter-se nacionalizados. A questão global deve ser estudada no contexto de um plano de desenvolvimento - que não existe."

É importante que à nacionalização corresponda uma socialização da empresa. Por outro lado, o problema-chave está na ausência de um controlo da opinião pública sobre as empresas que, sendo do Estado, são de todos. Qualquer país tem formas instituídas para exercer esse controlo mas, entre nós, nenhum partido teve a coragem de o fazer".

Lei do aborto

"Se me candidato com o compromisso de respeitar a Constituição, respeitarei também todas as leis em vigor no país. Durante a campanha, recusar-me-ei a discutir a questão do aborto, porque não posso esquecer o problema político gravíssimo que é ter o actual Presidente dos EUA sido eleito grandemente pela campanha, que fez do direito à vida e contra o aborto, quando acaba por ser responsável por mecanismos económicos que visando apenas financiar o défice interno do seu país, levam à morte milhões de pessoas em todo o mundo".

